



O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças

Anne Carolina Ramos

RESUMO - O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. As crianças muito têm a dizer sobre a cultura societal na qual estão inseridas. Por meio de seus saberes, elas nos permitem conhecer não apenas seus hábitos, cotidianos e brincadeiras, mas, também, um amplo conjunto de conhecimentos sobre a sociedade em que vivem. Nesta pesquisa, um grupo de dezesseis meninos e meninas da periferia de Porto Alegre é chamado a colocar em relevo seus conhecimentos sobre a velhice, trazendo à tona, por meio de discussões realizadas em encontros de grupo focal, como o velho é concebido e representado na contemporaneidade. Os saberes das crianças fazem referência a um amplo currículo cultural que produz e legitima enunciados discursivos sobre o corpo que envelhece. Enunciados que, ao relacionarem o corpo-velho a determinados atributos, acabam por controlar seus modos de ser, de fazer e de viver.

Palavras-chave: **Infância. Velhice. Corpo.**

ABSTRACT - The trash-body: being aged in the children's perspective. Children have a lot to say about the social culture surrounding them. Through their background, children enable us discovering their habits, their day-to-day life, their games, as well as their wide knowledge on the society they live in. In this research, a group of sixteen boys and girls from the outskirts of Porto Alegre are called to show their knowledge regarding elderly. Throughout the discussions, which were carried out in focal group meetings, it is possible to realize how the elderly is conceived and represented in contemporaneous time. Therefore, children's knowledge shows a wide cultural curriculum which produces and legitimates discursive statements on the aging body. Such statements relates the old-body to certain attributes and ultimately influence their way of being, acting and living.

Keywords: **Childhood. Old People. Body.**

Beauvoir, em seu célebre livro *A velhice* (1990, p. 48), uma das obras contemporâneas mais importantes sobre a condição de vida dos idosos, relata-nos que, “[...] para compreender[mos] a realidade e a significação da velhice, é indispensável examinar[mos] o lugar que é destinado aos velhos, que representação se faz deles em diferentes tempos e em diferentes lugares.” De algum modo, é a isso que este artigo se propõe, na medida em que é resultado de uma pesquisa (Ramos, 2006) que buscou conhecer representações¹ de crianças sobre a velhice. Representações essas que são constituídas socialmente; que falam dos investimentos simbólicos e culturais que fazemos sobre o velho.

As vozes das crianças instauram-se aqui como polifônicas (Ducrot, 1987): são vozes que dão voz não só a elas, mas aos seus avós, parentela, amigos, professores, pares, novelas e outras mídias em circulação; vozes que falam dos espaços onde elas transitam; vozes que estão inseridas em um amplo contexto, relacionadas ao mundo onde aquela criança aprende a ser criança e está posicionada como tal (Alanen, 2001). Entretanto, isso não significa que as crianças apenas repitam aquilo que elas aprendem no contato com o mundo. As crianças são atores sociais ativos e criativos. Elas apreendem do mundo estímulos e elementos para produzirem suas próprias culturas da infância, num processo que recria constantemente a sociedade na qual estão inseridas. Corsaro (2007) diz que as crianças elaboram uma espécie de “reprodução interpretativa” da realidade, sendo, por um lado, constituídas pela cultura em que vivem mas, por outro, produtoras dessa mesma cultura. Contudo, o modo como elas experimentam a cultura societal e falam sobre ela é diferente dos adultos, pois “[...] veiculam formas especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.” (Sarmiento, 2004, p. 9).

Neste artigo, conheceremos o que um grupo de dezesseis meninos e meninas, com idades entre oito e dez anos, pensa e sabe sobre a velhice. Num momento em que vivemos uma importante mudança demográfica, caracterizada pela baixa natalidade e pelo aumento da população com mais de 60 anos², torna-se primordial conhecer as representações que uma geração tem da outra; afinal, tendemos a viver cada vez mais verticalmente nossos laços familiares, convivendo concomitantemente com três, quatro e até cinco gerações (Hooyman; Kiyak, 2001; Camarano, 2006). Na Europa, entre 40% e 50% dos idosos com mais de 80 anos fazem parte de famílias com, ao menos, quatro gerações coexistindo (Saraceno, 2007). A Itália já possui 11.497 centenários. Em 2002 eles eram apenas 5.650 (Dusi, 2008).

Ser Velho...

A pergunta Quem é idoso? pode parecer, à primeira vista, uma indagação de fácil resposta. Se abrirmos o Estatuto do Idoso (2003) encontraremos, logo no primeiro artigo, a denominação de idoso como “[...] a pessoa com idade igual

ou superior a 60 (sessenta) anos.” Poderíamos ficar satisfeitos com essa resposta... Entretanto, outras questões podem surgir, quando nos dedicamos a pensar sobre esta afirmação: Será que podemos determinar limites tão estáveis? Ao completarmos 60 anos, deixamos de ser adultos, para pertencermos à categoria velhice? Esta marcação pode ‘etiquetar’, sob um mesmo signo, pessoas com 60 e 95 anos, que têm um intervalo de vida de mais de 30 anos?³ O que nos faz pertencer a uma idade? O que é ter uma idade? Possuímos uma idade ou é ela que nos possui? (Lloret, 1998).

Temos um corpo que, desde sua primeira formação, ainda zigoto, envelhece rumo a uma futura morte, limite da existência de qualquer ser vivo. O modo como delimitamos o tempo vivido, subdividindo-o em idades e grupos geracionais, é uma fragmentação arbitrária, ‘fundamentada’ nesse acontecimento universal, o ciclo nascimento-crescimento-morte. Esta marcação etária, entretanto, não se limita apenas a atribuir uma idade ao indivíduo. Fazemos um constante investimento simbólico e, portanto, cultural, sobre esse corpo que envelhece (Debert, 1998, p. 10).

Mais do que termos uma idade, nós pertencemos a ela. Isso significa que somos representados e interpelados a termos certos tipos de comportamentos, sentimentos, modos de ser e estar que nos situam e nos definem como pertencentes ou não a um determinado grupo etário. O que o sujeito consegue, ou não, fazer é cobrado socialmente de acordo com sua idade: o período da escolarização obrigatória, a maioridade legal, a entrada no mercado de trabalho, a aposentadoria. Ainda que ela seja importante, do ponto de vista organizacional, como na formulação de políticas públicas, na previsão de gastos com a saúde, com a escolarização e com a previdência, “[...] viver a idade acarreta a preocupação de nossa normalidade ou do desvio com relação a ela.” (Lloret, 1998, p.16). Esta passa a representar não só uma marcação cronológica, mas um meio de nos definir, delimitar e descrever.

É pelo tempo transcorrido por – e em – nossos corpos – situação que os deixa em constante mutação – que somos segmentados em fases etárias, em categorias geracionais pré-estabelecidas. O nosso corpo nos ‘denuncia’, ele fala da nossa idade, ele nos entrega. Ao carregar as marcas dos anos, ele se modifica, sendo interpelado pela idade, doenças, condições de vida, intervenções médicas e, também, pelas inscrições sociais e culturais que atuam sobre ele (Louro, 2000, p. 62). Inscrições que imprimem marcas identitárias em nossos corpos: no vestuário, no comportamento, na maquiagem, no corte de cabelo, nos gestos, na fala, nas programações culturais condizentes com a idade (Veiga-Neto, 2000). Assim, a vida do idoso – e de cada um de nós – está diretamente relacionada aos investimentos que são feitos sobre ele, investimentos que contam a história de uma época, que falam das mudanças, das belezas e dos sonhos de uma cultura. E o que as crianças têm a nos dizer sobre isso? O que elas sabem e entendem sobre a condição de vida e ‘o lugar’ destinado aos velhos na contemporaneidade?

Entendendo a Pesquisa...

Um grupo de dezesseis crianças (onze meninas e seis meninos), residentes na periferia leste de Porto Alegre, foi convidado a participar de um focus group sobre envelhecimento no turno oposto ao da escola. Elas tinham entre oito e dez anos e frequentavam as turmas de 2ª e 3ª séries do Ensino Fundamental. Esses meninos e meninas tinham desde a convivência diária com seus avós – viviam com eles na mesma casa ou ficavam com eles enquanto os pais trabalhavam – até nenhuma convivência, ocasionada principalmente pela distância geográfica entre eles.

Foram realizados oito encontros em uma sala desocupada da escola, nos quais as crianças desenvolveram atividades individuais e em grupo, com pinturas, desenhos, anotações escritas e discussões gerais. Procurei iniciar com atividades individuais, de modo a ter a menor influência possível do grupo, para depois partir para as coletivas. Por se tratar de um grupo de crianças, também adaptei a proposta inicial do método de Grupo Focal, que compreende principalmente a discussão no grande grupo (Flick, 2004; Gibbs, 1997), para contemplar atividades mais lúdicas e concretas.

Muito embora a pesquisa com crianças não dependa, necessariamente, da adoção de métodos “especiais” de investigação (Christensen; James, 2005), visto que elas podem participar de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, preencher questionários e debater idéias em grupos de discussão – focus group –, alguns pontos concernentes à própria linguagem, rotina, classe social e idade da criança devem ser levados em consideração. As pesquisas que envolvem atividades mais ativas (pinturas, desenhos e jogos), além de serem mais divertidas e prazerosas para as crianças, também as ajudam a comunicar-se melhor, facilitando a formulação de respostas a questões mais abstratas, que, só por meio da verbalização, talvez representasse maior cansaço ou dificuldade para elas.

Todos os encontros foram registrados em meu diário de campo, além de serem gravados e transcritos⁴. Dentre as atividades desenvolvidas destaco: desenho livre e individual de uma pessoa idosa – especificando nome e idade – com posterior explicação do que foi desenhado; produção textual individual, em forma de diário, na qual deveriam descrever seu cotidiano como se fossem idosas; em pequenos grupos, discutir, desenhar e justificar atividades que podem ou não ser realizadas por idosos; discussão dessas escolhas no grande grupo; ‘conversando’ sobre os idosos da televisão e do cotidiano; reflexão final sobre o que é envelhecer para as crianças.

A partir deste material levantado, teci algumas análises em relação à visão das crianças sobre a velhice⁵. Entretanto, considero este exercício como algo interpretativo, sendo resultado de um olhar ancorado no que foi possível conhecer naquele determinado momento (Louro, 2004). Configura-se, ainda, como uma aproximação à realidade, pois entendo que esta não pode ser reduzida a nenhum dado de pesquisa.

O Corpo-velho, um corpo frágil

Apesar de nossa existência ser caracterizada por inúmeras modificações de cunho fisiológico, que nos acompanham da gestação até a morte, é na velhice que essas mudanças parecem ganhar maior evidência e visibilidade. Para Beauvoir (1990, p.12), “[...] a espécie humana é aquela em que as mudanças causadas pelos anos são as mais espetaculares: os animais descarnam, enfraquecem, não se metamorfoseiam. Nós sim [...]”, diz a pesquisadora francesa. De fato, o nosso corpo modifica-se externamente – com o embranquecimento dos cabelos, enrugamento da pele, engrossamento das pálpebras, aumento da bacia... – e internamente, quando possíveis alterações patogênicas tendem a ocasionar o declínio das funções de diversos órgãos (Netto e Ponte, 1996). A velhice possivelmente apresenta, como única característica universal⁶, a ocorrência de mudanças orgânicas ao longo da vida. Mudanças essas que são, ao mesmo tempo, deletérias (fazem reduzir a funcionalidade), progressivas (estabelecem-se gradualmente), intrínsecas (não são resultantes de um componente ambiental modificável – muito embora o ambiente seja uma variável importante) e universais (os membros de uma mesma espécie apresentam essas características com o avanço da idade –, considerando componentes sociais, econômicos, ambientais, predisposições genéticas etc.) (Jeckel-Neto e Cunha, 2006).

É claro que as crianças também percebem essas modificações, utilizando-as como marcadores identitários na hora de delimitar quem é ou não é idoso. Cabelos brancos, rugas, uso de bengala, óculos e dentadura são, para elas, marcas do corpo-velho. Esses últimos estão relacionados, principalmente, ao declínio físico que acomete os idosos. Declínio ocasionado pela diminuição da massa muscular, redução da água corporal, afinamento dos ossos e aumento do tecido adiposo, que tende a deixar o idoso – principalmente aquele que possui uma vida mais sedentária – progressivamente frágil, desequilibrado e lento (Costa e Pereira, 2005). Essas fragilidades foram constatadas por todas as crianças que participaram da pesquisa, mas foram exemplificadas principalmente por aquelas que possuíam um convívio mais direto com seus avós.

Eu fico lá na casa da minha avó e eu vejo ela reclamando de subir [as escadas]. Três degraus já é difícil pra ela. (Daniela, fala, 5º E)

Pra mim é fácil ajeitar a minha cama, pra minha avó ela diz que não, porque os braços dela já não têm mais força. (Júlia, fala, 5º E)

Essa situação de debilidade e de doença desencadeia, para as crianças, a necessidade do consumo diário de certos medicamentos por parte dos idosos. Uma delas, por exemplo, ao imaginar-se velha, desenhou-se ao lado de inúmeras caixinhas de remédio com a designação antibiótico e genérico (Figura 1). Interessante observar a proporção existente entre o seu idoso e essas mesmas caixas, provavelmente evidenciando um uso contínuo e em larga escala de medicinais nessa fase da vida.

Devido a essas fragilidades na saúde, as crianças observam que os idosos também precisam de algumas particularidades com o advento da velhice. Aquilo que para elas é comum, como ler letras miúdas, subir e descer escadas, manusear um objeto (como segurar na asa de uma xícara, apertar os números pequenos do celular ou abrir uma porta com maçaneta arredondada), para alguns idosos não o é. Assim, os idosos deveriam, por exemplo, escolher habitações com o menor grau possível de empecilhos, ainda que, possivelmente, seus avós e bisavós não vivam em tais condições. Viver em um lugar com muitas escadas ou no qual os botões do elevador sejam muito pequenos (Figura 2), não seria uma boa alternativa, devido às dificuldades motoras (subir os degraus, apertar um botão pequeno) e visuais (enxergar o degrau ou o número do andar onde mora) que acometem os velhos.

Figura 1: Desenho de Marcos (Diário de um idoso, 2º E)

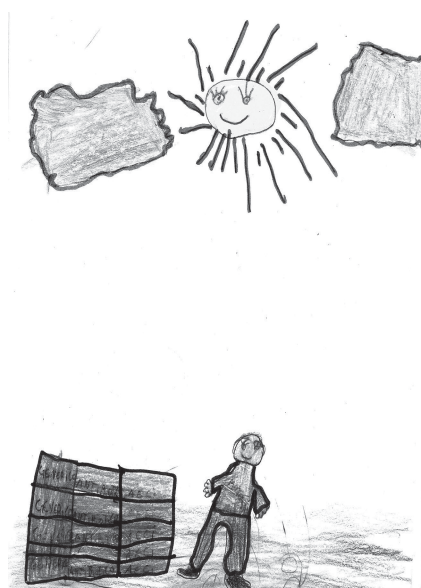
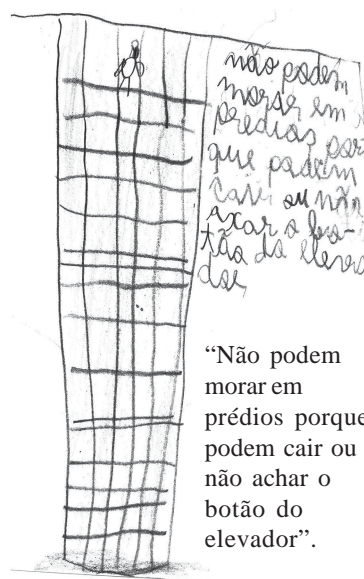


Figura 2: Desenho do grupo formado por Uriel, Rafael, Beatriz, Antônio e Marcos, (O que os velhos não podem fazer?, 3º E) (Diário de um idoso, 2º E)



Por conseguinte, ao imaginarem-se idosas, muitas delas trazem para seu cotidiano aquilo que veem e vivenciam em seus ambientes familiares:

[...] Eu trabalho de motorista e eu não consigo trabalhar direito porque eu não tenho força nas pernas. (Marcos, Diário de um idoso, (escrita), 2º E)

Tenho uma empregada, como eu sou idosa, não posso fazer nada. (Paula, Diário de um idoso, (escrita), 2º E)

[...] fui para o meu quarto tentar estender a cama mas não consegui. Então daí eu fiquei pensando: Por que será que eu não posso fazer mais nada? Nem sequer arrumar a cama? Olha o que essa velhice está fazendo comigo! (Júlia, Diário de um idoso, (escrita), 2º E)

Mas o corpo está longe de ser apenas um organismo fisiológico que envelhece e apresenta algumas limitações. O corpo “[...] não escapa à história [...]” (Sant’Anna, 2000, p. 50), sendo constituído pela “[...] intersecção daquilo que herdamos geneticamente e daquilo que aprendemos quando somos sujeitos de uma determinada cultura.” (Meyer; Soares, 2004, p. 8). Esse corpo, ao ser produzido permanentemente, é também vigiado e cuidado pelos discursos científicos que nos ensinam a melhor forma de mantê-lo saudável, principalmente quando o que está em jogo é a longevidade e todas as transformações que ela acarreta.

O Corpo-velho, um Corpo Vigiado

“O corpo é também o que dele se diz [...]” (Goellner, 2005, p. 29), e no que concerne à saúde, os discursos sobre o corpo são unânimes em prescrever atividades físicas, alimentação balanceada, o não consumo de cigarros ou de bebidas alcoólicas em excesso. Tais discursos, reafirmados pela medicina e por outras pedagogias culturais⁷, também permeiam os discursos das crianças. A alimentação, por exemplo, que deveria – sob a ótica do cuidado – ser saudável ao longo de toda a vida do sujeito, é mais intensificada na velhice, momento em que o corpo, já debilitado, não poderia abrir espaço para outras doenças, principalmente quando isso depende ‘apenas’ do autocuidado do idoso.

Eu acho que eles têm que comer mais verdura, mais coisa que alimente, que tenha vitamina do que os jovens, porque os jovens não estão todo ruim. (Rafael, fala, 4º E)

JÚLIA – A gente ainda pode comer qualquer coisa. Porque as crianças, como é que se diz, acho que ficam curadas mais rápido, e os velhinhos não.

PESQUISADORA – Por que os velhinhos não se curam tão rápido?

JÚLIA – Ah, porque eles já têm um monte de problemas, né... (fala, 4º E)

MARCOS – Eu vi na novela que teve antes um velho que sempre tomava bebida e ficava mal sora, caindo pelos canto. (...)

BEATRIZ – Que nem o Seu Jacques.

PESQUISADORA – Quem é o Seu Jacques, Beatriz?

BEATRIZ – É o pai do guri lá da Senhora do Destino.

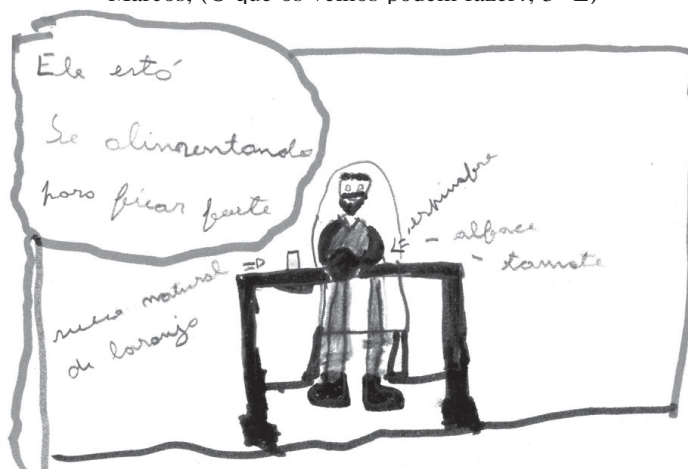
ANTÔNIO – É, também pode subir a pressão... o Seu Jacques, o filho dele disse que não é pra ele beber muito por causa da pressão.

[...] RAFAEL – Já tá velho, cheio de problemas, e ainda vai beber?

(Pode ou não pode?, (fala), 5º E)

No desenho abaixo (Figura 3), por exemplo, podemos observar que a alimentação ideal é aquela que vem ‘direto’ da natureza – alface, tomate, espinafre e suco natural de laranja –, cheia de nutrientes e vitaminas, que transforma o velho (‘que está todo ruim’) em uma ‘pessoa forte’⁸, tal qual Popeye, quando ingere uma porção mágica de espinafre. Não que não seja importante ingerirmos alimentos saudáveis. Sabemos que glicídios, lipídios, proteínas, vitaminas e minerais são os nutrientes que deveriam, de forma equilibrada, compor a alimentação de todas as pessoas. Também é de nosso conhecimento que a ingestão exagerada de açúcar, sal, bebidas alcoólicas e lipídios de origem animal não é recomendada, pois aumenta o nível de colesterol e o risco de doenças cardiovasculares⁹ (Prado, 2006). Entretanto, o nosso comportamento alimentar inclui outros aspectos que vão além das características nutricionais dos alimentos. Inclui também questões econômicas (acesso, disponibilidade e renda) e culturais. “As marcas trazidas da infância, as relações familiares, a nossa origem geográfica, as comemorações, a religião, o novo cenário da vida moderna, entre outros fatores, são fundamentais na estruturação da maneira como nos relacionamos com a comida” (Menezes, 2006, p. 218).

Figura 3 - Desenho do grupo formado por Uriel, Rafael, Beatriz, Antônio e Marcos, (O que os velhos podem fazer?, 3º E)



As crianças, por estarem em uma fase da vida na qual gozam de muita saúde, isentam-se, em parte – quando o que está em jogo é a beleza, os discursos sobre alimentação equilibrada parecem ser mais imperativos –, da responsabilidade de consumirem alimentos saudáveis, como se a qualidade de nossa velhice não estivesse atrelada ao decorrer de toda nossa existência. Mas o velho, que já está todo ruim, que quando doente não se cura tão rápido, que já tem um monte de problemas, não pode usufruir de todos os alimentos que deseja. O corpo é tido como “[...] uma espécie de relíquia de que cada um

dispõe e é coagido a cuidar e a proteger incessantemente.” (Sant’ Anna, 2000, p. 57). E nessa rede de proteção vale cuidar da alimentação, da coerção dos prazeres e dispor-se incansavelmente aos exercícios físicos... afinal, o corpo é o locus da construção de nossas identidades (Louro, 2000), o corpo é o que somos, é o que nos representa no mundo (Santos, 1999).

É que nem dá nas novelas. No ano passado tinha a novela aquela Mulheres Apaixonadas, tinha os dois velhinhos aqueles que iam passear, eles se levantavam bem cedo pra ir caminhar, que eles diziam que isso é um exercício e é pra manter a forma. (Júlia, fala, 5º E)

A minha avó caminha todos os dias porque o médico disse que é pra ela caminhar bastante. (Daniela, fala, 5º E)

Assim como na alimentação, também os discursos da atividade física estão pautados nos discursos legitimados pela televisão (‘é que nem dá nas novelas’) e pela Medicina (‘porque o médico disse’) que, “[...] marcada pela autoridade da ciência, [imprime] um selo quase sempre confiável” (Louro, 2000, p. 64). Tais discursos, aliados a outros meios de produção de saberes (revistas, informativos, programas de saúde, grupos de terceira idade), causam efeitos nos discursos das crianças, fortalecendo uma ideia hegemônica do que é ser velho e, conseqüentemente, das atividades cotidianas que lhe compete. Por conseguinte, quando solicitadas a imaginarem-se idosas, a maior parte das crianças incluiu atividades esportivas na descrição do seu dia-a-dia:

Figura 4: Desenho de Paula (Diário de um idoso, 2º E)



[...] botei a roupa para correr na praia com o meu marido. (Natália, escrita, 2º E)

Às 11:00 horas da manhã eu fui correr na praia, fui fazer ginástica na praia para idosos, como sou uma idosa [...]. Almocei, depois fui dormir um pouco para baixar a comida. Depois acordei às 3:00 horas da tarde e fui dar uma volta no parque. (Paula, escrita, 2º E)

Destaco aqui, a diferença existente entre aquilo que consideram o ideal e o que elas próprias vivem em seu cotidiano. Muitas comentam, por exemplo, a caminhada na praia, sendo que não vivem em um lugar propício para isso. Posso deduzir que a inspiração de ‘caminhar no calçadão’ advém das novelas, que costumam retratar pessoas caminhando na orla da Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, ou mesmo nas praias da Zona Sul da cidade carioca. Podemos observar também, que esse velho descrito pelas crianças está em constante movimento. Na fala de Paula, por exemplo, ela levanta, corre na praia, depois faz ginástica para idosos e, não contente, volta a caminhar no parque depois do almoço.

Esse discurso do velho ativo, tão divulgado nos meios de comunicação e em alguns centros de pesquisa ou convivência que envolve a terceira idade, advém dos movimentos surgidos a partir dos anos 70, que buscam ressignificar a imagem do idoso – antes visto como marginalizado e desengajado da sociedade – por meio de sua inserção em programas de sociabilidade, educação e lazer, que passam a vincular esse novo velho à imagem de uma pessoa “[...] autônoma, capaz de dar respostas criativas frente às mudanças sociais, disponível para ressignificar identidades anteriores, relações familiares e de amizade.” (Barros; Castro, 2002, p. 121). Com isso, estou longe de afirmar que os idosos devam ter um comportamento recluso. Estou apenas – mas não aquém – propondo que pensemos como esses discursos tornaram-se verdade para crianças, jovens e adultos (novos e velhos) de nossa época; como essas práticas de ‘saúde’ e ‘atividade’ se constituíram como desejáveis (Louro 2004). No desenho abaixo, vemos uma imagem inspirada nos Bailes da Terceira Idade, outro ganho advindo com essa nova concepção de velhice.

Figura 5 - Desenho do grupo formado por Amanda, Paula, Suzana, Daniela e Sandra (O que os velhos podem fazer?, 3º E)



As atividades físicas adequadas e a alimentação equilibrada tão defendidas pelas crianças, parecem estar relacionadas, à primeira vista, com as idéias de saúde e bem-estar. Contudo, ao nos debruçarmos mais atentamente sobre

suas falas, percebemos que as fronteiras entre saúde e beleza se borram. O corpo vive uma espécie de ditadura (Andrade, 2004) que, sob o nome de autocuidado, interpela-nos o tempo todo através de um número interminável de práticas e saberes que “[...] funcionam não como mera informação diletante, mas como uma pauta de comportamento e de controle da vida diária [...]” (Fischer, 1994, p. 49), que nos fala, entre outras coisas, sobre o que devemos comer, que tipos de exercícios devemos fazer, quais roupas são mais apropriadas para o nosso biotipo e como devemos nos comportar em diferentes ambientes, regulando nossos corpos e construindo “[...] significados que atuam decisivamente na formação dos sujeitos sociais.” (Fischer, 1997, p. 60).

Ser saudável passa a significar não apenas “[...] estar longe da doença, e sim ter um superávit de energia e vitalidade [...]” (Sant’Anna, 2000, p. 55), visível na imagem de um corpo dentro dos padrões de beleza e saúde. Um corpo com excessos é visto como um patrimônio mal gerenciado, situação na qual o ‘sujeito-empresário’, administrador de seu próprio corpo, mostra-se sem controle, força de vontade ou determinação (Meyer; Soares, 2004; Sant’Anna, 2000). O sujeito é responsabilizado o tempo todo pela saúde e pela beleza que tem ou deixa de ter (Goellner, 2005). E num tempo de tantas descobertas biomédicas e tecnológicas, em que podemos ser permanentemente remodelados e recauchutados, não há espaço para o corpo velho, enrugado e estriado; não há espaço para o corpo-bagulho¹⁰.

O Corpo-velho, um corpo-bagulho

As crianças, desde a mais tenra idade, aprendem a desejar essa beleza difundida como hegemônica. Por isso, elas também se analisam e se regulam, sentindo vergonha quando seus corpos parecem estar fora do padrão. Ao falarem do corpo-velho, esse disciplinamento parece ficar ainda mais intenso. Enquanto pequenas, a principal causa de suas queixas é ‘apenas’ o excesso de gordura – e, de algum modo, isso se torna até tolerável; entretanto, quando entramos na questão do envelhecimento, o corpo foge a outras regras, pertinentes às mudanças fisiológicas que sofremos com a idade, e aí, com tantas diferenças em relação à norma, torna-se praticamente impossível acharmos esse corpo bonito.

Eu tô gorda, tô feia. Eu no meu caso, mesmo sendo criança, eu tenho vergonha de botar um biquíni. (Júlia, Pode ou não pode?, (fala), 5º E)

PESQUISADORA – Tá, mas se eu for nova e gordinha, posso colocar roupa curta?

TODOS – Aí pode!!!

JÚLIA – Eu tenho uma prima que é gordinha, né, sôra, só que ela é bonitinha de corpo e ela bota roupa curtinha, é do gosto. Só que pro velho, mesmo que seja gordo ou magro, já fica feio por causa que não tem mais o corpo.

PAULA – É sôra, eu concordo!

DANIELA – Bah, sôra, numa piscina que eu vou vai um monte de velha assim com maiô (ri bastante), parece tri ridículo sôra!!! (fala, 5° E)

O corpo idoso mostra-se, então, como um corpo que deve ficar enclausurado, encerrado, contido, sendo desvendado ao outro apenas o que é estritamente necessário. Suas roupas devem ser longas e largas, condizentes com os seus corpos; afinal, ‘eles gostam de ficar se tapando’! e é natural que eles não queiram se expor. Mas o que faz um idoso quando é convidado para ir à praia ou à piscina, locais onde normalmente mostramos nossos corpos? Como reagem frente à vontade de usar roupa de banho para tomar sol e entrar no mar, e a vergonha de exhibir um corpo fora dos padrões?

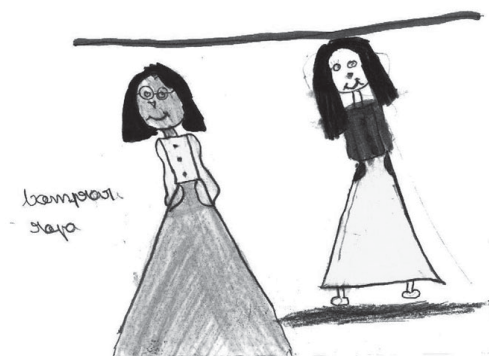
Eu, no caso, se fosse velha e me convidassem pra ir pra praia, eu iria, mas eu ficaria lá na areia ou lá na piscina, sei lá... mas eu botaria uma roupa decente pra tomar um banho porque o meu corpo não é de tá se mostrando. (Júlia, fala, 5°E)

Eu não iria sôra, com o corpo feio, não. Ia passar o maior mico! (Beatriz, fala, 5° E)

Bah, sôra, eu faria bolinho de areia pra jogar em quem me convidou, de raiva. Eu fico lá, louca de vontade de entrar dentro da água e não posso! (Daniela, fala, 5° E)

Tá louco sôra, todo capenga e ainda de calção e sem camisa? Tá louco! (Rafael, Pode ou não pode?, (fala), 5°E)

Figura 6 - Desenho do grupo formado por Clara, Laura, Júlia, Natália e Marina, (O que os velhos podem fazer?, 3° E).



Podemos observar que as roupas dessas idosas são tão longas que as únicas partes do corpo que aparecem são o rosto e os pés (na segunda idosa).

Mesmo morrendo de vontade, não há espaço para o corpo-bagulho, o corpo-capenga. O velho precisa encontrar outras alternativas, que façam com que seu corpo se torne mais apazível aos olhos do outro: ‘entrar na água de roupa’, ‘usar uma roupa decente’ (maiô, sunga ou biquíni só são descentes

para os mais jovens e magros) ou, até mesmo, utilizar ‘uma máscara’ para não ser reconhecido e não virar motivo de deboche, ‘não pagar um mico’. De acordo com Louro (2001, p. 27), é “[...] através de múltiplas estratégias de disciplinamento [que] aprendemos a vergonha e a culpa; [que] experimentamos a censura e o controle.”

A pessoa de idade não tem o mesmo corpo de criança né, e de jovem. Fica feio porque é tudo enrugado, cheio de estria, um monte de coisa... [...] primeiro eu tenho que ver como é que tá a minha situação! (Júlia, Pode ou não pode?, (fala), 5ºE)

É muito ridículo uma velha com maiô, aparece um monte de estria e a barriga lá embaixo!!! (Uriel, Pode ou não pode?, (fala), 5º E)

Tem uma mulher lá perto da minha casa que ela é bem idosa né, daí ela usa um topinho bem curtinho, sôra, (várias crianças riem) e um shortinho bem curtinho, o corpo já não é o mesmo né... (Paula, Pode ou não pode?, (fala), 5ºE)

Nas falas das crianças podemos observar que esse disciplinamento é visivelmente mais intenso para as mulheres idosas. São principalmente elas que não podem expor seus corpos, que têm estrias, barriga caída, maior flacidez, e que devem, por isso, ficar cobertas ‘dos pés à cabeça’. De fato, as mulheres brasileiras parecem ter uma cobrança estética muito maior do que os homens, estando mais sujeitas a plásticas e a técnicas artificiais de embelezamento. Segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (2007), o Brasil só perde para os Estados Unidos neste tipo de intervenção, sendo que 69% delas são feitas em mulheres e 59% têm fins meramente estéticos.

Já os homens, em contrapartida, tendem a ser adjetivados mais positivamente com o aparecimento dos cabelos brancos, sendo considerados charmosos, bonitões e maduros até uma idade mais avançada. Além disso, o fato de produzirem novos espermatozoides durante toda a vida confere-lhes um ar mais viril; enquanto as mulheres têm, em decorrência do envelhecimento dos óvulos e ovários, sua taxa de fecundidade profundamente diminuída. São também elas que, nos discursos das crianças, aparecem de forma mais ‘vigiada’ quanto aos seus relacionamentos conjugais.

Em geral, os meninos e meninas entrevistados mostraram-se favoráveis a um novo relacionamento amoroso entre parceiros idosos – por condição de viuvez ou divórcio, não é incomum terem avós, tios e pais recasados. Entretanto, estes não são concebidos sem um certo estranhamento. Além de existir uma discursividade sobre o corpo-velho, que o coloca em um determinado lugar em relação ao corpo-jovem, também há uma discursividade em relação à sexualidade, que nos ensina sobre a melhor forma (como), a melhor época (quando) e o/a melhor parceiro(a) (quem) para exercê-la. Assim, nosso corpo, além de ser controlado no seu modo de ser, de se fazer e dizer (Andrade, 2004), também é governado no seu modo de sentir e expressar prazer e desejo (Louro, 2001).

Ai, eu acho que eles não podem se casar, né, porque fica feio. E... porque eles já se casaram. E quem não se casou, mesmo assim depois de velho, fica feio. Se fosse pra mim depois de velha eu não me casaria. [...] Aí parece um velho ou velha sem-vergonha! . (Júlia, 4º E, (fala), Pode ou não pode?)

Bah sôra, esses dias eu vi minha avó beijando o meu avô. Bah, que nojo! (Daniela, Pode ou não pode?, (fala), 4ºE)

Ai, sôra, imagina só aquela dentadura!!! (Júlia, Pode ou não pode?, (fala), 4ºE)

Casar? Ah, depende da pessoa, se o corpo ainda é bonito pode! (Marcos, Pode ou não pode?, (fala), 4ºE)

E novamente vemos esse imperativo mais forte para as mulheres idosas:

JÚLIA – [...] Eu não quero ficar velha.

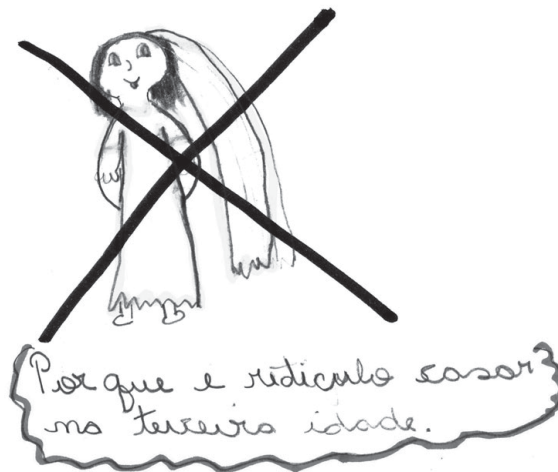
PESQUISADORA – Por que tu não quer ficar velha Ju?

JÚLIA – Porque eu vou ficar feia. (risos)

[...]

URIEL – Daí não consegue mais homem, né?! (risos) (Pode ou não pode?, (fala), 4ºE)

Figura 7- Desenho do grupo formado por Clara, Laura, Júlia, Natália e Marina, (O que os velhos podem fazer?, 3º E).



Então, para voltar ao centro – aquela posição de sujeito não problemática (Louro, 2005), o velho – o que/quem é antigo, fora de moda, gasto pelo uso, obsoleto (Ferreira, 2004, p. 810) – precisa juntar esforços para modificar seu corpo, tentando deixá-lo novamente jovem e enxuto. A alimentação equilibrada e a atividade física parecem ser, então, dois importantes aliados na busca por esse rejuvenescimento.

O que os velhos podem fazer é musculação, pra ficar mais jovem. (Uriel, fala, 5ºE)

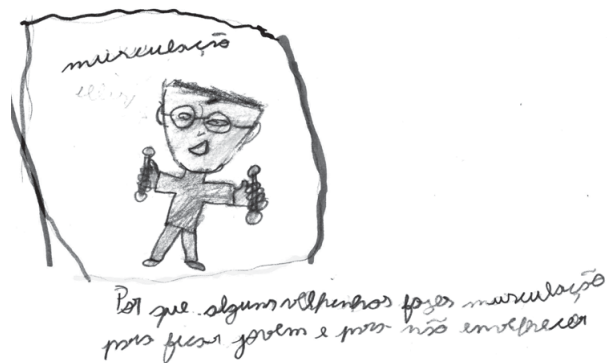
PESQUISADORA – A Júlia falou que o esporte é bom para parecer mais jovem, o Rafael falou que o preparo físico é melhor. O que vocês acham?

MUITOS – É melhor a aparência sora! (fala, 5ºE)

Figura 8 - Desenho do grupo formado por Uriel, Rafael, Beatriz, Antônio e Marcos (O que os velhos podem fazer?, 3º E)



Figura 9 - Desenho do grupo formado por Uriel, Rafael, Beatriz, Antônio e Marcos (O que os velhos podem fazer?, 3º E)



Mas o disciplinamento dos corpos não termina aí: só exercícios e alimentação adequada não garantem uma aparência fielmente jovem, pois os traços de expressão advindos com a idade tendem a se intensificar. Entretanto, nosso desespero já pode ser acalentado, pois graças aos avanços biotecnológicos,

podemos acoplar, retirar e suavizar as ‘marcas’ que falam de nossas imperfeições. “Nunca as necessidades do mercado estiveram afinadas tão precisamente ao imaginário de seus consumidores.” (Sarlo, 1997, p. 41). Essa redescoberta do corpo é alimentada pela mega-indústria da beleza e do prazer (Sant’Anna, 2000), que nos oferece desde os serviços mais simples, como preenchimento dos vincos da pele, implante de cabelo, bronzamento artificial, pintura definitiva, lentes de contato, botox para as rugas na testa, estimulação russa para enrijecer os músculos e diminuir as medidas... até os métodos mais complexos, que com a ajuda do bisturi, promovem pequenos e grandes reparos para aquelas e aquelas que ainda não ficaram satisfeitos.

No Globo Repórter deu que tinha, tava dando que tem cada vez mais a coisa da aparência, querendo ser jovem. (Júlia, Pode ou não pode?, (fala), 5ºE)

Sabe a novela, tem aquele pintor, o Dr. Pimenta. Ele tem a mulher dele sôra, só que ela sôra, passou na TV, que ela gastou 7 mil parece sôra, bastante dinheiro, só pra manter a forma. Esticou... e ela nem é tão velha assim. (Beatriz, Pode ou não pode?, (fala), 5ºE)

Quem não gostaria de ficar jovem pra sempre? Quem não gostaria de ficar jovem a vida toda? (Rafael, Pode ou não pode?, (fala), 5ºE)

Quando pergunto ao grupo como eles sabem o que é belo e o que é feio, uma criança prontamente me responde: ‘Eu acho que tu já aprende de cara sôra, não precisa ninguém te ensinar’. A beleza e a identidade hegemônica parecem ser invisíveis, dadas.

Segundo Louro (2005, p. 44), é a :

[...] contínua afirmação e reafirmação deste lugar privilegiado [que] nos faz acreditar em sua universalidade e permanência; [que] nos ajuda a esquecer seu caráter construído e nos leva a lhe conceder a aparência de natural.

Considerações Finais

O presente estudo buscou fazer uma aproximação entre os campos da Educação, da Sociologia da Infância e da Gerontologia, uma aproximação entre infância e velhice. Os relatos das crianças levam-nos a pensar no modo como a sociedade em que vivemos concebe o sujeito idoso, atribuindo-lhe determinados significados e representações sociais, nem sempre muito positivos.

Um ponto marcante da análise desta pesquisa refere-se ao fato de as crianças não quererem envelhecer. Acredito que isso esteja relacionado, em parte, à realidade sócio-econômica que vivenciam. Pessoas economicamente favorecidas costumam apresentar melhores condições de envelhecimento: provavelmente alimentam-se melhor, têm trabalhos menos árduos, fazem alguma

atividade física e recorrem ao acompanhamento médico e odontológico com maior frequência do que as pessoas de classes mais pobres. Contudo, essa vontade de ficar eternamente jovem não é uma postura só das crianças de periferia. Muito se fala hoje de plásticas e técnicas antienvelhecimento, principalmente nas instâncias de maior circulação econômica. Ao termos instaurado a juventude como norma, como objeto de desejo, tanto a infância quanto a velhice passaram a ser subjugadas a ela. Entretanto, essa diferenciação não acontece do mesmo modo para esses dois grupos geracionais: a criança encontra-se em fase de ascensão, direcionando-se à juventude, enquanto que o velho encontra-se descendendo. Embora os velhos economicamente menos favorecidos possam apresentar características físicas mais marcadas, tornar-se velho é um processo que independe da classe social. Sendo rico ou sendo pobre a pessoa envelhece e, sendo velha, é diferenciada da não-velha, da norma. O que implica, aqui, são os atributos que relacionamos aos idosos, muitos deles ligados a aspectos mais negativos da vida.

Quando no último encontro, solicitei que as crianças me fizessem um breve resumo sobre o que era envelhecer, elas me disseram que ‘o bom’ era não precisar estudar ou trabalhar, não haver mais ninguém para dizer o que fazer, não ter de pagar a passagem de ônibus, e ter mais tempo de dedicação à família e aos netos. Clara chegou a dizer assim:

A vantagem que eu acho em se envelhecer é não trabalhar e porque a gente pode se aposentar. E não acho outra vantagem. (Sobre os idosos, (escrita), 7º E)

De triste ficavam as doenças, os remédios, a dentadura, as dores nas costas, a falta de força, o corpo que envelhece e se torna feio, não poder namorar, sair para dançar ou ir a festas, e não poder casar de branco. Algo que não havia surgido em nenhum outro encontro chamou-me atenção nos aspectos tristes do envelhecimento. Algumas crianças colocaram que vai ser muito difícil perceberem-se sem os pais e terem ‘consciência’ de que vão morrer em breve, que estarão no final do ciclo vital.

É ruim porque todos um dia vai morrer. Um dia todos vai envelhecer e vai morrer. (Antônio, Sobre os idosos, (escrita), 7º E)

Eu posso morrer mais depressa, que é o que eu não quero. (Marcos, Sobre os idosos, (escrita), 7º E)

A coisa ruim em ser velho é que a gente não vai ter mais nossos pais. (Clara, Sobre os idosos, (escrita), 7º E)

Morrer, porque alguns velhinhos têm medo de morrer. Eles pegam doenças e podem morrer. (Uriel, Sobre os idosos, (escrita), 7º E)

Essa posição mais negativa em relação à velhice, que tende a enfatizar mais as perdas (do corpo, da beleza, da vida, do status social, do trabalho, da saúde...) do que outros atributos, também foi resposta de outras pesquisas realizadas com crianças em âmbito internacional (Davison et al., 1995; Page et al.,

1981; Rosenwasser et al., 1983; Seefeldt; Keawkungwal, 1986). Por meio de seus relatos, as crianças permitem-nos conhecer não apenas os mundos da infância, mas aquilo que envolve toda a sociedade globalmente considerada, mostrando-nos, neste caso, como o idoso é constituído por diferentes discursos em circulação. Num tempo em que a longevidade está posta e que cada vez mais buscamos o elixir da eterna juventude, pergunto-me se realmente estamos preparados para envelhecer e preocupo-me com o diálogo e as trocas entre gerações, visto que ainda somos interpelados por discursos que são pouco solidários e generosos com esse outro, o velho.

Recebido em maio de 2008 e aprovado em outubro de 2008.

Notas

- 1 Entendida aqui como uma forma de atribuir sentido, de conhecer. Difere-se da concepção filosófica clássica, que a vê como uma cópia fiel da realidade, ou de qualquer outra conotação que a veicule como mentalista e associada a uma suposta interioridade psicológica (Silva, 2004). A representação está relacionada – seja ela um texto, uma gravura, um filme, um traço, uma fotografia, uma palavra – à “face material, visível [e] palpável do conhecimento” (Silva, 1999, p.32).
- 2 Em apenas 100 anos a expectativa de vida brasileira passou de 33 anos e 7 meses, em 1900, para 68,5 em 2000. A previsão, para os nascidos em 2025, será de 72 anos de idade (Freitas, 2004). Hoje, devido a essas mudanças populacionais, o Brasil ocupa o 6º lugar no ranking dos países (com população total acima de 100 milhões) com o maior número de pessoas acima de 60 anos de idade (14,1 milhões em 2002), devendo passar, em 2025, à 5ª posição, quando a população de idosos chegará a 33,4 milhões. Em âmbito mundial, teremos aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas idosas. (OMS, 2005).
- 3 Ainda que hoje tenhamos a terceira e a quarta idade, sendo esta última para denominar os idosos com pouca ou nenhuma autonomia, todos estão inseridos dentro da categoria “velhice”.
- 4 Os nomes das crianças aqui utilizados são fictícios. Para a melhor compreensão dos fragmentos selecionados indico, logo após seus nomes, a atividade correspondente, se o fragmento fazia parte da fala ou da escrita, e o respectivo encontro.
- 5 Para este artigo selecionei apenas uma parte dos dados obtidos, referentes ao corpo-velho. As crianças ainda falam sobre aposentadoria, trabalho e suporte familiar entre avós e netos.
- 6 São universais, mas não ocorrem em todas as pessoas na mesma época ou com a mesma intensidade.
- 7 Espaços educacionais que abarcam uma variedade de áreas sociais – tais como a televisão, shopping centers, livros, cinemas, brinquedos, esportes... – incluindo, mas não se limitando ao espaço escolar (Steinberg; Kincheloe, 2001).
- 8 Grifo retirado das falas das crianças.

9 Segundo Caldas (2006), com o aumento da atividade catabólica e a diminuição da atividade metabólica após o período de maturação sexual (por volta dos 40 anos), o nosso organismo tende a sofrer maiores dificuldades para digerir alimentos ricos em açúcares ou gorduras.

10 Expressão utilizada por uma das crianças para se referir ao corpo-velho.

11 Fala de Júlia, na atividade Pode ou não pode?, (fala), 5º E.

Referências

ALANEN, Leena. Estudos Feministas/Estudos da Infância: paralelos, ligações e perspectivas. In: CASTRO, Lúcia Rabello (Org.). **Crianças e Jovens na Construção da Cultura**. Rio de Janeiro: NAU, 2001. P. 69-92.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, Corpo e Educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Medição, 2004. P. 107-120.

BARROS, Regina Duarte Benevides de; CASTRO, Adriana Miranda de. Terceira Idade: o discurso dos *experts* e a produção do “novo velho”. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v.4, p.113-124, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BRASIL. Lei Federal 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto do Idoso**. Brasília: Congresso Nacional, 2003.

BUTLER, Robert; LEWIS, Myrna. **Sexo e Amor na Terceira Idade**. Traduzido por Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Summus, 1985.

CALDAS, Célia Pereira. Introdução à Gerontologia. In: VERAS, Renato; LOURENÇO, Roberto (Org.). **Formação Humana em Geriatria e Gerontologia**: uma perspectiva interdisciplinar. Rio de Janeiro: UnATIQUERJ, 2006, 1 CD-ROM, p. 18-21.

CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana de. et al. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P. 88-105.

CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. Pesquisando as crianças e a infância: culturas de composição. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison (Org.). **Investigação com Crianças**: perspectivas e práticas. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005. P. 12-19.

CORSARO, William. **Reprodução Interpretativa e Cultura de Pares em Crianças**. In: CURSO DE EXTENSÃO REPRODUÇÃO INTERPRETATIVA E CULTURA DE PARES EM CRIANÇAS, Porto Alegre, 14 maio 2007. Porto Alegre: Grupo de Estudos, 2007.

COSTA, Elisa Franco de Assis; PEREIRA, Silvia Regina Mendes. Meu Corpo Está Mudando. O que fazer? In: PACHECO, Jaime Lisandro et al. (Org.). **Tempo**: rio que arrebatava. Holambra: Setembro, 2005. P. 11-86.

DAVIDSON, D. et ai. The Effects of Children’s Stereotypes on Their Memory For Elderly Individuals. **Education Resources Information Center**, EJ499996, 1995.

- DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da Reflexão Antropológica Sobre a Velhice. In: DEBERT, Guita Grin et al. (Org.). **Antropologia e Velhice**: textos didáticos, São Paulo, n. 13, p. 7-28, jan. 1998.
- DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Campinas: Pontes Editores, 1987.
- DUSI, Elena. **Vivere Cent'anni. La Repubblica**. Roma, 2008.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio**. 6. ed. Curitiba. Positivo, 2004.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Capricho das Disciplinas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.19, n. 2, p. 47-66, jul./dez.1994.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto Pedagógico da Mídia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez.1997.
- FLICK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FREITAS, Elizabete Viana de. Demografia e epidemiologia do envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. (Orgs.). **Tempo de Envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004. P.19-38.
- GIBBS, Anita. Focus Groups. **Social Research Update**, London, v. 19, 1997. Disponível em <http://sru.soc.surrey.ac.uk/SRU19.html>. Acesso em 1 jul. 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: GOELLNER, Silvana Vilodre et al. (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005. P. 28-40.
- HOOYMAN, Nancy R.; KIYAK, Havva Asuman. The Importance of Social Supports: family, friends, and neighbors. In: HOOYMAN, Nancy R.; KIYAK, Havva Asuman (orgs.). **Social Gerontology**: a multidisciplinary perspective. 6. ed. London: Allyn and Bacon, 2001. P. 277 – 303.
- JECKEL-NETO, Emilio Antonio; CUNHA, Gilson Luis da. Teorias Biológicas do Envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de. et al. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P. 13-22.
- LIORET, Caterina. As Outras Idades ou as Idades do outro. In: LARROSA, Jorge; PEREZ DE LARA, Nuria (Org.). **Imagens do Outro**. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 13-23.
- LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, Pesquisar, Escrever... In: SEMINÁRIO PESQUISA EM EDUCAÇÃO: Região Sul, 5., 2004, Curitiba. Anais. Curitiba: PUCPR, 2004. 1 CD-ROM, 11 p.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Volodre (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005. P. 41-52.
- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. P. 7-34.

MENEZES, Maria Fátima Garcia de. Educação Nutricional no Processo de Envelhecimento. In: VERAS, Renato; LOURENÇO, Roberto (Org.). **Formação Humana em Geriatria e Gerontologia: uma perspectiva interdisciplinar**. Rio de Janeiro: UnATI\UERJ, 2006. 1 CD-ROM, p. 217-220.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Corpo, Gênero e Sexualidade nas Práticas Escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Org.). **Corpo, Gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Medição, 2004. P. 5-16.

NETTO, Matheus Papaléo; PONTE, José Ribeiro da. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: NETTO, Matheus Papaléo (Org.). **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 1996. P. 3-12.

Organização Mundial de Saúde. **Envelhecimento Ativo: uma política de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

PAGE, S. et al. Children's Attitudes Toward the Elderly and Aging. **Education Resources Information Center**: EJ252058, 1981.

PRADO, Shirley Donizete. Alimentação Saudável e Envelhecimento. In: VERAS, Renato; LOURENÇO, Roberto (Org.). **Formação Humana em Geriatria e Gerontologia: uma perspectiva interdisciplinar**. Rio de Janeiro: UnATI\UERJ, 2006. 1 CD-ROM, p. 204-207.

RAMOS, Anne Carolina. **Cultura Infantil e Envelhecimento: o que as crianças têm a dizer sobre a velhice? Um estudo com meninos e meninas da periferia de Porto Alegre**. 2006. 266 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ROSENWASSER, S.M. et al. Children's Perceptions of the Elderly. **Education Resources Information Center**: ED 229171, 1983.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. Pedagogias do Corpo: representação, identidade e instâncias de produção. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). **Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999. P.197-179.

SARACENO, Chiara. Famiglia e Invecchiamento: come cambiano i rapporti tra generazioni?. Trento, 2007. (Palestra concedida no Festival Capitale Umano, Capi-tale Sociale).

SARLO, Beatriz. **Cenas da Vida Pós-moderna: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Orgs.). **Crianças e Miúdos: perspectivas socio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: ASA, 2004. P. 9-34.

SEEFELDT, C.; KEAWKUNGWAL, S. Children's Attitudes Toward the Elderly in Thailand. **Education Resources Information Center**: EJ353647, 1986.

SILVA, Tomaz Tadeu. O Currículo Como Prática de Significação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O Currículo Como Fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 9-69.

SILVA, Tomaz Tadeu. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 73-102.

SOCIEDADE Brasileira de Cirurgia Plástica. Disponível em: www.cirurgioplastica.org.br. Acesso em: 18 dez. 2007.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. Sem Segredos: cultura infantil, saturação informação e infância pós-moderna. In: STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Org.). **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. P. 9-52.

VEIGA-NETO, Alfredo José da. As Idades do Corpo: (material)idades, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades.... In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REESTRUTURAÇÃO CURRICULAR, 7., 2000, Porto Alegre. **Utopia e Democracia na Educação Cidadã**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000. P 233-234.

Anne Carolina Ramos é Pedagoga e Especialista em Geriatria e Gerontologia pela UnATI/UERJ. Mestre em Educação pela UFRGS. Doutoranda em Educação pela UFRGS e pela Universtät Siegen.
E-mail: annecarolina.ramos@gmail.com